

Quando o discurso de alguém não começa por definições, ou começa por qualquer outra contemplação de si próprio, e neste caso continua a chamar-se opinião; ou começa com qualquer afirmação alheia, de alguém de cuja capacidade para conhecer a verdade e de cuja honestidade e sinceridade não se duvida, e neste caso o discurso diz menos respeito à coisa do que à pessoa, e à resolução chama-se CRENÇA e FÉ; *fê* na pessoa; *crença* tanto na pessoa como na verdade do que ela diz. De modo que na crença há duas opiniões, uma relativa ao que a pessoa diz e outra relativa à sua virtude. *Acreditar, ter fê em ou confiar em alguém*, tudo isto significa a mesma coisa: a opinião da veracidade de uma pessoa. Mas *acreditar no que é dito* significa apenas uma opinião da verdade da coisa dita. Ora, deve observar-se que a frase *creio em*, como também no latim, *credo in*, ou no grego *πιστεύω ἐν*, só é usada nas obras dos teólogos. Em lugar dela, nos outros escritos põe-se *acredito-o*, ou *tenho fê nele* ou *confio nele* ou *fio-me nele*; em latim, *credo illi* ou *fido illi*, e em grego *πιστεύω αὐτῷ*. Esta singularidade do uso eclesiástico da palavra deu origem a numerosas disputas relativas ao verdadeiro objeto da fé cristã.

Mas *crer em*, como no Credo, não significa confiar na pessoa, e sim uma confissão e aceitação da doutrina. Porque não apenas os cristãos mas toda espécie de homens acreditam de tal modo em Deus que aceitam como verdade tudo o que o ouvem dizer, quer o compreendam, quer não - o máximo de fé e confiança que é possível encontrar em qualquer pessoa. No entanto, nem todos eles aceitam a doutrina do Credo.

Daí podermos inferir que ao acreditarmos que qualquer espécie de afirmação é verdadeira, com base em argumentos que são tirados, não da própria coisa nem dos princípios da razão natural, mas da autoridade da opinião favorável que temos acerca de quem fez essa afirmação, neste caso o objeto da nossa fé é o orador ou a pessoa em quem acreditamos ou em quem confiamos e cuja palavra aceitamos; e a honra feita ao acreditar é feita apenas a essa pessoa. Consequentemente, quando acreditamos que as Escrituras são a palavra de Deus, sem

Crença.
Fê.

[32]

ter recebido nenhuma revelação imediata do próprio Deus, o objeto da nossa crença, fé e confiança é a Igreja, cuja palavra aceitamos e à qual aquiescemos. E aqueles que acreditam naquilo que um profeta lhes diz em nome de Deus aceitam a palavra do profeta, honram-no e nele confiam e crêem, aceitando a verdade do que ele diz, quer se trate de um verdadeiro ou de um falso profeta. O mesmo se passa também com qualquer outro tipo de história. Pois, se eu não acreditasse em tudo o que foi escrito pelos historiadores sobre os feitos gloriosos de *Alexandre* ou de *César*, não creio que o fantasma de *Alexandre*, ou de *César*, tivesse nenhum motivo justo para se ofender, nem ninguém mais, a não ser o historiador. Se *Tito Lívio* afirma que uma vez os deuses fizeram uma vaca falar, e não o acreditamos, não estamos com isso retirando a nossa confiança em Deus, mas em *Tito Lívio*. É portanto evidente que tudo aquilo em que acreditamos, baseados em nenhuma outra razão senão tão-só a autoridade dos homens e dos seus escritos, quer eles tenham ou não sido enviados por Deus, a nossa fé será apenas fé nos homens.

CAP. VIII.

Das VIRTUDES vulgarmente chamadas INTELECTUAIS, e dos DEFECTOS contrários a estas.

Geralmente a *virtude*, em toda espécie de assuntos, é algo que se estima pela eminência, e consiste na comparação. Pois, se todas as coisas fossem iguais em todos os homens, nada seria apreciado. Por *virtudes INTELECTUAIS* sempre se entendem as capacidades do espírito que os homens elogiam, valorizam e desejariam possuir em si mesmos, e vulgarmente recebem o

Definição de virtude
intelectual.

nome de *engenho natural*, embora a mesma palavra ENGENHO também seja usada para distinguir das outras uma certa capacidade.

Talento, natural ou adquirido.

Estas *virtudes* são de duas espécies: *naturais* e *adquiridas*. Por naturais não entendo as que um homem possui de nascença, pois isso é apenas sensação, pela qual os homens diferem tão pouco uns dos outros e dos animais, que não merecem ser incluídas entre as virtudes. Refiro-me ao *engenho* que se adquire apenas por meio da prática e da experiência, sem método, cultura ou instrução. Este ENGENHO NATURAL consiste principalmente em duas coisas: *celeridade da imaginação* (isto é, rápida sucessão de um pensamento a outro) e *firmeza de direção* para um fim escolhido. Pelo contrário, uma imaginação lenta constituiu o defeito ou falha do espírito a que vulgarmente se chama EMBOTAMENTO, *estupidez*, e às vezes outros nomes que significam lentidão de movimentos ou dificuldade em se mover.

Engenho natural.

[33]

Esta diferença de rapidez é causada pela diferença das paixões dos homens, que gostam e detestam, uns de uma coisa, outros de outra. Em consequência, os pensamentos de alguns homens seguem uma direção, e os de outros outra, e retêm e observam diversamente as coisas que passam pela imaginação de cada um. E, embora nesta sucessão dos pensamentos dos homens nada há a observar nas coisas em que eles pensam a não ser aquilo em que elas são *idênticas umas às outras*, ou aquilo em que são *diferentes*, ou então *para que servem* ou *como servem para tal fim*, diz-se dos que observam as suas *semelhanças*, caso sejam tais que raramente outros as observam, que têm um *bom engenho*, com o que, nesta circunstância, se pretende identificar uma *boa imaginação*. Quanto aos que observam as suas *diferenças* e *dissimilaridades*, a que se chama *distinguir, discernir e julgar* entre coisas diversas, nos casos em que tal discernimento não seja simples, têm, segundo se diz, um *bom juízo*; e sobretudo em questões de convívio e negócios, em que é preciso discernir momentos, lugares e pessoas, esta virtude chama-se DISCRICÃO. A primeira, isto é, a imaginação, sem o auxílio de juízo, não se recomenda como virtude; mas a última, que é o juízo e

Bom engenho ou imaginação.

Bom juízo.

Discricão.

discricão, recomenda-se por si mesma, sem o auxílio da imaginação. Além da discricão de momentos, lugares e pessoas, necessária para uma viva imaginação, é necessária também uma freqüente aplicação dos pensamentos ao seu fim, quer dizer, ao uso que deles pode ser feito. Feito isto, aquele que possui esta virtude facilmente encontrará *semelhanças capazes de agrandar, não apenas como ilustrações do seu discurso, adornando-o com metáforas novas e adequadas, mas também pela raridade da sua invenção*. Mas, sem firmeza e direção para um fim determinado, uma grande imaginação é uma espécie de loucura, semelhante à das pessoas que, iniciando qualquer discurso, se deixam desviar do seu objetivo, por qualquer coisa que lhes passe pelo pensamento, para longas digressões e parênteses, até que inteiramente se perdem. Para esse gênero de loucura não conheço nenhum nome especial, mas sua causa é às vezes a falta de experiência, devido à qual uma coisa pode parecer a alguém nova e rara, quando aos outros assim não parece; e outras vezes é a pusilanimidade, devido à qual lhe parece uma grande coisa aquilo que outros consideram uma ninharia. E tudo o que é novo ou grande, portanto considerado merecedor de ser dito, vai gradualmente afastando-o do propósito inicial do seu discurso.

Num bom poema, quer seja *épico* ou *dramático*, assim como também nos *sonetos, epigramas* e outras obras, é necessário tanto o juízo como a imaginação. Mas a imaginação deve ser a mais eminente, pois tais obras devem agradar pela sua extravagância, embora não devam desagradar por indiscricão.

Num bom livro de história o juízo deve ser eminente, porque a excelência da obra consiste no método e na verdade, assim como na escolha das ações que é mais proveitoso conhecer. A imaginação não tem lugar aqui, a não ser para ornamentar o estilo.

Nas orações laudatórias e nas invectivas a imaginação é predominante, porque o designio não é a verdade, mas a honra ou a desonra, o que é feito mediante nobres ou vis comparações. O juízo limita-se a sugerir quais as circunstâncias que tornam uma ação louvável ou condenável.

Nas exortações e discursos em tribunal, assim como a verdade ou a simulação sirva melhor o designio em vista, também o juízo ou a imaginação é a qualidade mais necessária.

Na demonstração, no conselho e em toda a busca rigorosa da verdade, o juízo faz tudo, salvo se por vezes o entendimento tiver necessidade de se alargar por uma semelhança adequada, havendo nesse caso uso exaustivo da imaginação. Quanto às metáforas, neste caso estão completamente excluídas. Pois, sabendo que elas abertamente professam o logro, admi-ti-las no conselho e no raciocínio seria manifesta loucura.

Em qualquer espécie de discurso, se a falta de discrição for evidente, por mais extravagante que a imaginação possa ser, o discurso inteiro será tomado como um sinal de falta de engenho, o que nunca acontecerá quando a discrição for manifesta, mesmo que a imaginação jamais seja a comum.

Os pensamentos secretos de cada homem percorrem todas as coisas, sagradas ou profanas, puras ou obscenas, sérias ou frívolas, sem vergonha ou censura - coisa que o discurso verbal não pode fazer, limitado que está pela aprovação do juízo quanto ao momento, ao lugar e à pessoa. Um anatomista ou médico pode expor, verbalmente ou por escrito, seu parecer sobre um assunto impuro, porque nesse caso não se trata de agradar, e sim de ser útil. Mas, se um outro homem escrevesse as suas extravagantes e divertidas fantasias sobre o mesmo assunto, seria o mesmo que alguém apresentar-se perante boa companhia depois de revirar na lama. E é na falta de discrição que reside a diferença. Nos casos de manifesto desleixo do espírito e entre pessoas bem conhecidas, é possível brincar com os sons e com as significações equívocas das palavras, tendo muitas vezes como oponentes homens de extraordinária imaginação. Mas num sermão, ou em público ou diante de pessoas desconhecidas, ou a quais devemos reverenciar, nenhum jogo de palavras deixará de ser considerado loucura, e a diferença reside apenas na falta de discrição. Assim, quando falta engenho não é a imaginação que está faltando, mas discrição. Portanto, o juízo sem imaginação é engenho, mas a imaginação sem juízo não o é.

Quando os pensamentos de alguém que tem um designio em vista, ao percorrerem uma grande quantidade de coisas, o levam a observar que elas o conduzem a esse designio, ou a que designio elas podem conduzir, caso essas observações não sejam as simples e usuais, esse seu talento chama-se PRUDÊNCIA, e depende de muita experiência e memória de coisas semelhantes, bem como das suas conseqüências até o momento. A esse respeito, a diferença entre os homens não é tão grande como a que se verifica quanto à imaginação e ao juízo, porque a experiência de homens da mesma idade não é tão desigual quanto à quantidade, variando conforme as diferentes ocasiões, dado que cada um tem os seus designios pessoais. Governar bem uma família ou um reino não equivale a diferentes graus de prudência, mas a diferentes espécies de ocupação, do mesmo modo que desenhar um quadro em pequeno ou grande, ou em tamanho maior que o natural, não corresponde a diferentes graus de arte. Um simples lavrador é mais prudente nos assuntos da sua própria casa do que um conselheiro privado nos assuntos de um outro homem.

Se à prudência se acrescentar o uso de meios injustos ou desonestos, como aqueles de que comumente os homens são tentados a se servir pelo medo e pela necessidade, temos aquela sabedoria velhaca a que se chama ASTÚCIA, e é um sinal de pusilanimidade. Porque a magnanimidade é o desprezo pelos expedientes injustos ou desonestos. E aquilo a que os latinos chamavam *Versutia* (que se traduz em inglês por *ardiliza*) e consiste em livrar-se deste perigo ou incômodo para envolver-se em outros ainda maiores - como, por exemplo, quando se rouba a um para pagar ao outro - é apenas uma astúcia míope, chamada *Versutia*, de *Versura*, que significa aceitar dinheiro com usura pelo presente pagamento de juros.

Quanto ao *engenho adquirido* (ou seja, adquirido por método e instrução), o único que existe é a razão, que se funda no uso correto da linguagem, e da qual derivam as ciências. Mas da razão e da ciência já falei nos capítulos V e VI.

As causas destas diferenças de engenho residem nas paixões, e a diferença das paixões deriva em parte da diferente

Prudência.

Astúcia.

[35]

Engenho adquirido.

constituição do corpo e em parte das diferenças de educação. Porque, se a diferença proviesse da ténpera do cérebro e dos órgãos dos sentidos, quer externos, quer internos, a diferença entre os homens quanto à vista, ao ouvido e aos outros sentidos, não seria menor do que a diferença quanto à sua imaginação e discricção. Portanto, tal diferença deriva das paixões, que são diferentes, não apenas por causa das diferenças de constituição dos homens, mas também por causa das diferenças de costumes e de educação entre eles.

As paixões que mais provocam as diferenças de engenho são, principalmente, o maior ou menor desejo de poder, de riqueza, de saber e de honra. Todas elas podem ser reduzidas à primeira, que é o desejo de poder. Porque a riqueza, o saber e a honra não são mais do que diferentes formas de poder.

Portanto, um homem que não tenha grande paixão por nenhuma destas coisas, sendo, como se costuma dizer, indiferente, embora possa ser uma boa pessoa, incapaz de prejudicar os outros, mesmo assim é impossível que tenha uma grande imaginação ou grande juízo. Porque os pensamentos são para os desejos como batedores ou espias, que vão ao exterior e encontram o caminho para as coisas desejadas; e é daí que provém toda a firmeza do movimento do espirito, assim como toda a sua rapidez. Porque, assim como não ter nenhum desejo é o mesmo que estar morto, também ter paixões fracas é estupidez, e ter paixões indiferentemente por todas as coisas é LEVIANDADE e *distracção*. E ter por qualquer coisa paixões mais fortes e intensas do que geralmente se verifica nos outros é aquilo a que os homens chamam LOUCURA.

Existem quase tantas espécies de loucura como de paixões. Por vezes uma paixão extraordinária e extravagante deriva da má constituição dos órgãos do corpo ou de um dano a eles causado, e outras vezes o dano e indisposição dos órgãos são causados pela intensidade ou pelo extremo prolongamento da paixão. Em ambos os casos, porém, a loucura é de uma só e mesma natureza.

Leviandade.

Loucura.

A paixão cuja violência ou prolongamento provoca a loucura ou é uma grande *vanglória*, a que vulgarmente se chama *orgulho* ou *vaidade*, ou é um grande *desalento* de espirito.

O orgulho torna os homens sujeitos à colera, cujo excesso é a loucura chamada RAIVA e FÚRIA. E assim ocorre que o excessivo desejo de vingança, quando se torna habitual, prejudica os órgãos e transforma-se em raiva; que o amor excessivo, somado ao ciúme, também se transforma em raiva; a opinião exagerada de si mesmo, quanto à inspiração divina, à sabedoria, à erudição, às maneiras e coisas semelhantes, transforma-se em perturbação e leviandade, e esta, somada à inveja, transforma-se em raiva; a forte opinião da verdade de alguma coisa, quando contrariada pelos outros, também se transforma em raiva.

O abatimento provoca no homem receios infundados, espécie de loucura vulgarmente chamada MELANCOLIA, que se manifesta em diversas condutas: na freqüentação de cemitórios e lugares solitários, nos comportamentos supersticiosos e no medo de alguém ou de alguma coisa determinada. Em suma, todas as paixões que provocam comportamentos estranhos e invulgares são designadas pelo nome geral de loucura. Mas quem se quisesse dar ao trabalho de enumerar as várias espécies de loucura poderia arrolar uma multidão delas. E, se os excessos são loucura, não resta dúvida de que as próprias paixões, quando tendem para o mal, constituem outros tantos graus da loucura.

Por exemplo: embora os efeitos da loucura nos que estão possuídos pela convicção de que são inspirados nem sempre se tornem visíveis em um homem por qualquer ação extravagante derivada dessa paixão, quando muitos deles conspiram juntos, a raiva da multidão inteira é bastante visível. Pois que melhor prova de loucura pode haver do que acusar, golpear e apedrejar os nossos melhores amigos? No entanto, isto é um pouco menos do que uma tal multidão fará. Pois ela acusará, combaterá e destruirá aqueles por quem, durante toda a sua vida, foi protegida e defendida de danos. E, se isto é loucura

Raiva.

[36]

Melancolia.

numa multidão, é também em cada indivíduo particular. Pois tal como no meio do mar, embora não ouçamos nenhum ruído da parte da água mais próxima de nós, estamos absolutamente certos de que essa parte contribui tanto para o rugido das ondas como qualquer outra parte da mesma quantidade, assim também, embora não percebamos grande inquietação em um ou dois homens, podemos estar absolutamente certos de que as suas paixões individuais fazem parte do rugido sedicioso de uma nação conturbada. E, mesmo que nada mais denunciasse a sua loucura, o próprio fato de se arrogarem essa inspiração constitui prova suficiente dela. Se algum interno de Bedlam nos entretivesse com um discurso sóbrio, e ao nos despedirmos quiséssemos saber quem ele é, para mais tarde retribuir sua gentileza, e ele nos dissesse ser Deus Pai, creio que não seria necessário esperar nenhuma ação extravagante como prova da sua loucura.

Esta convicção de inspiração, vulgarmente chamada espírito particular, começa muitas vezes com a feliz descoberta de um erro geralmente cometido pelos outros. E, sem saberem ou lembrarem mediante que conduta da razão chegaram a uma verdade tão singular (conforme eles pensam, embora muitas vezes seja apenas uma inverdade com que depararam), passam imediatamente a admirar a si mesmos por terem recebido a graça especial de Deus Todo-Poderoso, que lhes revelou tal verdade sobrenaturalmente, por intermédio do seu Espírito.

Além disso, que a loucura não é mais do que um excesso de manifestação da paixão é coisa que se pode verificar nos efeitos do vinho, que são idênticos aos da má disposição dos órgãos. Porque a variedade de comportamento nos homens que bebem demais é a mesma que a dos loucos, uns enraivecendo-se, outros amando, outros rindo, tudo isso de maneira extravagante, mas conformemente às várias paixões dominantes. Pois os efeitos do vinho apenas tiram a dissimulação, ao mesmo tempo que subtraem aos olhos a deformidade das paixões. Porque, segundo creio, os homens mais sóbrios não gostariam que a futilidade e extravagância dos seus pensamentos, nos momentos em

que andam sozinhos dando rédea solta à sua imaginação, fossem tornadas públicas, o que vem confirmar que as paixões sem guia não passam, na sua maioria, de simples loucura.

Tanto nos tempos antigos como nos modernos tem havido duas opiniões comuns relativamente às causas da loucura. Uns atribuem-na às paixões, outros a demônios e espíritos, tanto bons como maus, que supunham capazes de penetrar num homem e possuí-lo, movendo os seus órgãos da maneira estranha e disparatada que é habitual nos loucos. Assim, os primeiros chamam loucos a esses homens, mas os segundos às vezes chamam-lhes *endemoninhados* (ou seja, possessos dos espíritos), outras vezes *emergiminos* (isto é, agitados ou movidos pelos espíritos); e hoje na *Itália* são chamados não apenas *pazzi*, loucos, mas também *spiritati*, isto é, possessos.

Houve uma vez grande afluência de gente em *Abdera*, cidade da Grécia, por causa da representação da tragédia de *Andrômeda*, num dia extremamente quente. Em resultado disso, grande parte dos espectadores foi acometida de febres, sendo este acidente devido ao calor e à tragédia conjuntamente, e os doentes limitavam-se a recitar jâmbicos com os nomes de *Perseu* e *Andrômeda*. O que foi curado, juntamente com a febre, pela chegada do inverno. Esta loucura foi atribuída às paixões suscitadas pela tragédia. Em outra cidade grega também grassou um surto de loucura e que atacou apenas as jovens donzelas, levando muitas delas a se enforcarem. Tal fato foi por muitos considerado obra do diabo. Mas houve quem suspeitasse que tal desprezo pela vida proviria de alguma paixão do espírito e, supondo que elas não desprezariam também a sua honra, aconselhou os magistrados a despirem as que se enforcavam e a expô-las nuas publicamente. A história diz que isto curou essa loucura. Por outro lado, os mesmos gregos frequentemente atribuíam a loucura à intervenção das Eumênides, ou Fúrias, e outras vezes a *Ceres*, *Febo* e outros deuses, de tal modo que os homens atribuíam muitas coisas a fantasmas, considerando-os corpos aéreos vivos, e geralmente chamavam-lhes espíritos. E, a exemplo dos romanos que a esse respeito tinham a mesma opinião dos gregos, o mesmo acontecia com os judeus, que cha-

mavam aos profetas loucos ou endemoninhados (conforme consideravam os espíritos bons ou maus); alguns deles chamavam loucos tanto aos profetas como aos endemoninhados, e alguns chamavam ao mesmo homem tanto endemoninhado como louco. Ora, quanto aos gentios, isto não é de estranhar, porque as doenças e a saúde, os vícios e as virtudes, bem como muitos acidentes naturais, eram assim denominados e venerados como demônios e identificava-se como demônio tanto (às vezes) um calafrio como um diabo. Porém é bastante estranho que os judeus tivessem tal opinião. Pois nem *Moisés* nem *Abraão* pretendiam profetizar graças à posse por um espírito, mas graças à voz de Deus, ou a uma visão ou sonho. Nem há nada nas suas leis, na sua moral ou nos seus rituais, que lhes ensinasse a ver tal entusiasmo ou tal posse. Quando se diz que Deus (Nm 11,25) tomou o espírito que estava em *Moisés* e o deu aos setenta anciãos, o Espírito de Deus (compreendido como a substância de Deus) não estava dividido. O Espírito de Deus no homem é entendido pelas Escrituras como um espírito humano que tende para o divino. E quando se diz (Ex 28,3): *aqueles em quem infundi o espírito da sabedoria para que fizessem roupas para Aarão*, não se pretende referir um espírito colocado neles, capaz de fazer roupas, mas a sabedoria dos seus próprios espíritos nesse tipo de trabalho. Em sentido semelhante se chama vulgarmente um espírito impuro ao espírito do homem quando este pratica ações impuras; e assim se fala também de outros espíritos, embora nem sempre, mas todas as vezes em que a virtude ou vício assim denominados são extraordinários e predominantes. Tampouco os outros profetas do Antigo Testamento pretextavam entusiasmo, ou que Deus falasse através deles, mas apenas a eles, por meio de voz, visão ou sonho, e o *fardo do Senhor* não era posse, mas ordem. Como terá então sido possível que os judeus herdassem a opinião de posse? Não consigo imaginar razão alguma, a não ser a que é comum a todos os homens, nomeadamente a falta de curiosidade para procurar as causas naturais, e a identificação da felicidade como gozo dos grosseiros prazeres dos sentidos e das coisas que conduzem a eles mais diretamente. Pois quem vê no espírito de um

homem qualquer aptidão ou defeito invulgar ou estranho, a menos que veja também a causa de onde provavelmente derivou, dificilmente pode considerá-lo natural. Não sendo natural, é inevitável que o considerem sobrenatural; e então que pode ser, senão a presença nele de Deus ou do Diabo? Daí que quando o nosso Salvador (Mc 3,21) se encontrava rodeado pela multidão, os da casa suspeitaram que ele era louco, e saíram para agarrá-lo; mas os escribas disseram que ele tinha *Belzebu*, e que era através dele que expulsava os demônios, como se o louco maior houvesse aterrorizado o menor. E alguns disseram (Jo 10,20): *ele tem o diabo, e é louco*, enquanto outros, que o consideravam profeta, disseram: *Essas não são as palavras de alguém que tem o diabo*. Assim, no Antigo Testamento, aquele que veio ungir a Jeú (2 Rs 9,11) era profeta, mas um dos presentes perguntou: *Jeú, que veio o louco aqui fazer?* Em resumo, é manifesto que quem se comportasse de maneira invulgar era considerado pelos judeus como possesso, quer por Deus, quer por um espírito maligno – à exceção dos saduceus, que erravam tanto no sentido oposto que não acreditavam na existência de nenhum espírito (o que está muito próximo do ateísmo declarado), e talvez por isso ainda mais instigavam os outros a chamarem endemoninhados a esses homens, em vez de loucos.

Mas por que motivo o nosso Salvador procedeu, para os curar, como se estivessem possessos e não como se estivessem loucos? A isso não posso dar outro tipo de resposta, senão aquela que é dada aos que de maneira semelhante reclamam as Escrituras contra a crença no movimento da Terra. As Escrituras foram escritas para mostrar aos homens o Reino de Deus e preparar os seus espíritos para se tornarem seus súditos obedientes, deixando o mundo, e a filosofia a ele referente, às disputas dos homens, pelo exercício da sua razão natural. Que o dia e a noite provenham do movimento da Terra, ou do Sol, ou que as ações exorbitantes dos homens derivem da paixão ou do diabo (desde que não adoremos a este último), nenhuma diferença faz quanto à nossa obediência e sujeição a Deus Todo-Poderoso, que é o fim para que se escreveram as Escrituras. Quanto ao fato de o nosso Salvador falar à doença como se

falasse a uma pessoa, esse é o procedimento habitual daqueles que curam apenas pela palavra, como Cristo fazia (e os encantadores pretendem fazer, quer falem a um diabo ou não). Pois não se diz que Cristo (Mt 8,26) repreendeu também os ventos? *Ora, porque se pode afirmar que os ventos são espíritos, também* não se diz (Lc 4,39) que ele repreendeu uma febre? Todavia, isto não prova que uma febre seja um diabo. E, embora se afirme que muitos desses diabos se confessaram a Cristo, não é necessário interpretar essas passagens de outro modo, senão que esses loucos se lhe confessaram. E, quando o nosso Salvador (Mt 12,43) fala de um espírito impuro que, tendo saído de um homem, vai errando pelos lugares secos, procurando repouso sem nunca o encontrar, e volta para o mesmo homem juntamente com sete outros espíritos piores do que ele, trata-se manifestamente de uma parábola, aludindo a um homem que, depois de um pequeno esforço para se libertar dos seus desejos, é vencido pela força deles e se torna sete vezes pior do que era. Assim, nada vejo nas Escrituras que exija acreditar que os endemoninhados eram outra coisa senão loucos.

Discurso
insignificante.

Há ainda uma outra falha nos discursos de alguns homens, que também se pode listar entre as várias espécies de loucura, nomeadamente aquele abuso de palavras que referi no capítulo V, sob o nome de absurdo. Isso ocorre quando os homens proferem palavras que, reunidas umas às outras, não possuem significação alguma; alguns toparam com elas ao compreenderem mal as palavras que recebem, e as repetem mecanicamente; outros as usam com a intenção de enganar por meio da obscuridade. E isto só acontece com aqueles que discutem sobre questões incompreensíveis, como os escolásticos, ou sobre questões de filosofia abstrusa. Os homens comuns raramente falam sem significado e por tal motivo são por essas egrégias pessoas tidos por idiotas. Mas para ter a certeza de que as suas palavras não correspondem a nada no espírito seriam necessários alguns exemplos. Se alguém os quiser, encarregue-se de um escolástico, e veja se ele é capaz de traduzir qualquer capi-

¹ Syn.: Também.

tulo referente a uma questão difícil, como a Trindade, a divindade, a natureza de Cristo, a transubstanciação, o livre-arbítrio etc., para qualquer das línguas modernas, de maneira que o torne inteligível. Ou então para um latim tolerável, como o que era conhecido por todos os que viviam na época em que o latim era a língua vulgar. Qual é o significado destas palavras: *A prima causa não insufla necessariamente alguma coisa na segunda, por força da subordinação essencial das causas segundas, pela qual pode ser levada a atuar?* Elas são a tradução do título do sexto capítulo do primeiro livro de Suárez, *Do curso, movimento e ajuda de Deus*. Quando alguém escreve volumes inteiros cheios de tais coisas, ele está louco ou pretende enlouquecer os outros? E, particularmente quanto ao problema da transubstanciação, aqueles que dizem, depois de pronunciar certas palavras, que a *brancura*; a *redondez*, a *magnitude*, a *qualidade*, a *corruptibilidade*, todas as quais são incorpóreas etc., passam da hóstia para o corpo de nosso abençoado Salvador, não estarão eles fazendo desses *uras, exes, tudes e dades* outros tantos espíritos possuindo o corpo? Porque por espíritos sempre entendem coisas que, sendo incorpóreas, movem-se contudo de um lugar para outro. Assim, este tipo de absurdo pode corretamente ser enumerado entre as muitas espécies de loucura. E todo o tempo em que, guiados por pensamentos claros das suas paixões mundanas, se abstêm de discutir ou escrever assim, não é mais do que um intervalo de lucidez. E tanto basta quanto às virtudes e defeitos intelectuais.

CAP. IX. Dos Diferentes OBJETOS do CONHECIMENTO.

Há duas espécies de CONHECIMENTO: um deles é o *conhecimento de fato* e o outro o *conhecimento das consequências de uma afirmação para outra*. O primeiro está limitado aos sentidos e à